

Representações Sociais da Função Social da Escola e suas Relações com a Reprovação em Matemática

Natércia Lopes-Neta¹

Lícia Maia²

RESUMO

As representações sociais têm a função de explicar e dar sentido à realidade social. São guias de conduta que sofrem modificações decorrentes da evolução da sociedade, identificam os grupos de acordo com a representação deles e suas características formativas. Justificam comportamentos já que os sujeitos agem no mundo segundo suas representações. Logo, as representações sociais assumem as funções de saber, de orientação, de identidade e de justificativa. Objetivamos compreender a relação existente entre a representação da função social da escola por professores e sua possível influência no rendimento escolar nas disciplinas, em particular na disciplina de matemática. Este estudo será desenvolvido em quatro escolas da rede pública de Maceió, com professores do 6º ao 9º ano, adotaremos como instrumentos de coleta de dados o método de associação livre, entrevistas semi-estruturada e para o processamento dos dados será utilizado o software trideux e a análise de conteúdo de Bardin.

Palavras Chaves: Representações Sociais, Função Social da Escola, Rendimento Escolar, Professores.

1. INTRODUÇÃO

A experiência profissional numa escola municipal de Maceió e o contexto social em que ela estava inserida me levou a pensar o que representa a função social da escola para aqueles professores e se essa representação social que este grupo faz influência na aprovação e reprovação dos alunos, em particular, a reprovação em matemática.

Esta escola está situada em um dos bairros mais violentos de Maceió, o corpo discente do turno noturno, o qual leciono, é composta por alunos fora de faixa, em sua maioria que trabalham durante o dia. Dentre esses alunos, se encontram os considerados menores infratores da Unidade de Internação Masculina/Feminina (UIM/UIF) que têm obrigação de freqüentarem a escola, de acordo com os artigos 118-120 do Estatuto da Criança e do Adolescente para dar cumprimento às medidas sócio-educativas, por seus atos infracionais cometidos.

¹ Graduada em Matemática (licenciatura) e especialista em Gestão Escolar pela UFAL, mestranda em Educação Matemática e Tecnológica – UFPE. natercia.lopes@ufpe.br

² Profª Dra. do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais e da pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica do Centro de Educação – UFPE. limaia@ufpe.br

O que mais me chamou atenção foram os constantes diálogos entre alunos e professores sobre a violência. Os conteúdos destes diálogos iam desde furtos na escola, ameaças aos professores, ameaças entre alunos, até assassinatos na rua da escola, histórias de assassinatos por parte dos alunos e histórias de tráfico de droga. Durante a experiência profissional nesta escola estudamos a realidade dos alunos e estatisticamente numa turma com 40 alunos foi detectado que cerca de 70% já presenciaram a morte de um parente ou amigo por causa do tráfico de drogas. Vale ressaltar que os alunos com melhor desempenho nas quatro operações, de acordo com os professores de matemática desta escola, se autodenominam “caixa de boca” fazendo alusão à atividade de contador em uma “boca de fumo”.

O rendimento e desempenho destes alunos não eram satisfatórios, haja vista o considerável número de reprovados, chegando a 50% das turmas, e o número de evadidos. Conjecturo que as conseqüências desses números são muitas, seja para os alunos que carregam o peso do fracasso escolar, seja para os professores que fazem da avaliação do aluno sua auto-avaliação, seja para a escola que tem nos índices do IDEB o reflexo destes dados, inclusive, fomentando uma proposta de fechamento do turno noturno.

Dentro deste cenário, estava a matemática que se apresentava como a disciplina que mais reprovava, contudo, percebia que existiam tentativas por parte dos professores de adequar o currículo ao cotidiano dos alunos, porém muitos professores de matemática tinham receio em levar o material de apoio para a sala de aula e estes serem extraviados pelos discentes. Também percebia a desmotivação dos professores ao chegarem nesta escola, e em como alguns se referiam à escola como “cadeião”, fazendo uma correspondência entre o corpo discente e o Sistema Prisional. E outros, quando viam a sala que dariam aula diziam que iriam para a turma dos “perdidos” que eram alunos que estavam a mais de três anos repetindo uma série.

Diante do exposto, levantamos alguns questionamentos, a escola só serve para os bons alunos? Os tantos alunos, adolescentes, quer tenham cometido atos infracionais ou não, mas que trazem no discurso um forte apelo ao contexto social negativo, a estes não se direciona a escola? A disciplina de matemática era apontada como vilã dos resultados negativos, o que acontecia nas outras disciplinas? O que representava a escola para estes professores? Há influência desta representação da função social da escola para estes professores e o rendimento escolar?

A fim de responder a estas questões, buscamos compreender a Teoria das Representações Sociais, como uma das possibilidades de reflexão para este fenômeno. A noção de representação social “oferece um novo caminho para a explicação de mecanismos pelos quais fatores propriamente sociais agem sobre o processo educativo e influenciam seus resultados [...]” (DESCHAMPS *et al*, 1972 *apud* GILLY, 2001, p. 321).

Nesta pesquisa, busca-se responder ao seguinte problema: Qual a relação existente entre a representação da função social da escola por professores e sua possível influência no rendimento escolar nas disciplinas, em particular na disciplina de matemática?

O objeto de estudo para este projeto de pesquisa é a função social da escola para professores. O aporte teórico envolvendo a Teoria da Representação Social formulada por Serge Moscovici e complementada por Denise Jodelet, entre outros, permitem entender os processos formadores das representações sociais e nos parecem essenciais para o entendimento da realidade na qual estão inseridos os sujeitos da pesquisa.

As contribuições advindas dos seguidores da Teoria das Representações Sociais – Jean Claude Abric, Michel Gilly – e da convocação para o diálogo de outros autores, como Celso Sá, Fátima Cruz, Fátima Santos e Lícia Maia, orientam o desenvolvimento desta investigação.

Concorrerão ainda para a revisão bibliográfica, artigos, dissertações e teses que tratam da questão, uma vez que estas representam um acúmulo de contribuições aos estudos sobre as representações sociais no campo da Educação.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Compreender a relação existente entre a representação da função social da escola por professores e sua possível influência no rendimento escolar nas disciplinas, em particular na disciplina de matemática.

Objetivos Específicos:

- Identificar quais os critérios mais frequentes utilizados pelos professores do 6º ao 9º ano para categorizarem a escola;
- Traçar o perfil do alunado segundo os professores;

- Relacionar o perfil às disciplinas que mais aprovam, menos aprovam e a disciplina de Matemática;
- Verificar a representação social da função social da escola para os professores e suas influências no rendimento escolar.

3. REVISÃO DA LITERATURA

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) do Ensino Fundamental³,

As escolas deverão explicitar em suas propostas curriculares processos de ensino voltados para as relações com sua comunidade local, regional e planetária, visando à interação entre a educação fundamental e a vida cidadã; os alunos, ao aprenderem os conhecimentos e valores da base nacional comum e da parte diversificada, estarão também constituindo sua identidade como cidadãos, capazes de serem protagonistas de ações responsáveis, solidárias e autônomas em relação a si próprios, às suas famílias e às comunidades. (BRASIL, Res. N° 2: 1998, Art. 3°)

Isso mostra que a função social da escola é pautada à favor do aluno, independentemente de seu contexto social, servindo de apoio para a constituição de sua identidade como cidadãos, capazes de refletir e analisar criticamente os acontecimentos e realidade social.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), seguindo uma tendência mundial para a Educação, sugerem às escolas e aos partícipes do processo educacional o desenvolvimento dos estudantes de forma plena considerando para isso, aspectos da cidadania, dignidade, direito à informação, o acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade, a socialização e o atendimento dos alunos visando a sobrevivência e desenvolvimento da sua identidade.

Por mais que se faça o discurso da autonomia da escola pública e seu dever de ser "viva e atuante", sabemos que ela se insere em uma rede ligada às Secretarias que, por sua vez, tentam obedecer ao Sistema central – o que muitas vezes, traz obstáculos para o

³ As diretrizes Curriculares Nacionais são normas obrigatórias para a Educação Básica que orientam o planejamento curricular das escolas e sistemas de ensino, fixadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). As DCNs têm origem na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/96, que assinala ser incumbência da União "estabelecer, em colaboração com os Estados, Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e os seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar a formação básica comum".

atendimento de seu corpo discente e da realização do projeto escolar. A função social da escola imbricada nos PCNs é também contaminada no momento que se priorizam vieses burocráticos e discursos que muitas vezes tendenciosos, não são efetivados no cotidiano escolar. Ainda assim, entendemos que a escola pública, dentro de seus aspectos políticos e sociais, é um lugar privilegiado para o enfrentamento das desigualdades sociais.

Mesmo a escola tendo um discurso ideológico igualitário, as desigualdades sociais se fazem presentes em instituições que segregam de acordo com o poder econômico. O sistema representativo que tratamos se modifica por dois tipos diferentes de fatos “a evolução das posições científicas e, por outro, as transformações estruturais do aparelho de produção do ‘mundo do trabalho’” (GILLY, 2001, p. 324). Logo, percebemos que o contexto influencia as representações sociais o que corresponde ao movimento de objetivação da seleção e descontextualização que cita Santos (2005, p. 32).

Gilly frisa que “os sistemas de representação articulam, num todo coerente, as contradições entre ideologia e realidade, assegurando sempre sua função de legitimação do sistema e de justificação de práticas” (2001, p. 325), com isso ele reitera que a representação social tem a função de justificar comportamentos.

As representações de escola por professores primários mostram pelas análises de Mollo (1986 apud GILLY, 2001, p. 328), que os professores discernem a realidade do discurso dominante de igualdade oficial, mesmo que o retransmita, como se o fato de contradizê-lo perante outras audiências fosse errado.

Moscovici define a representação social à partir dos conceitos de Durkheim sobre representação coletiva, porém esta englobava uma enorme classe de conhecimentos o que impossibilitava a delimitação do conceito e para Emile Durkheim a representação coletiva era algo estático que era passado de geração a geração como uma herança coletiva, mostrando que a idéia de homem racional sem a capacidade de análise crítica ainda estava intrínseca na sua Teoria. Para Santos (2005, p. 24) “a sociedade existe enquanto realidade objetiva e produto humano. Ao ser apropriada pelos sujeitos ela se torna realidade subjetiva”.

A representação social está revestida desses sentidos que o grupo está socializando porque no momento que ele partilha essa informação ele está compartilhando sentidos, não é só individual, mas, da cultura, da identidade, da pertença desse grupo. Moscovici diz que isso vai nos ajudar a agir no mundo sem termos que parar para cada ação ou interação precisarmos elaborar cognitivamente cada ação e interação.

As representações sociais são construções do senso comum de forma mais detalhada e elaborada, é um saber coletivo influenciado por vivências e experiências do dia-a-dia. Para Moscovici (1988 *apud* SANTOS, 2005, p. 20), o conhecimento popular é um conhecimentos tão válido quanto o conhecimento científico e eles não se contrapõe. De acordo com Maia,

Considerando assim que o conhecimento popular é um conhecimento verdadeiro e uma forma de evolução do conhecimento científico, a teoria das representações sociais abre uma perspectiva para que este conhecimento tenha lugar no seio das instituições formais produtoras e reprodutoras de conhecimento, como é o caso do sistema educativo. A noção de representação social vai levar em consideração, ao mesmo tempo, a atividade do sujeito sobre o mundo e, reciprocamente, da ação do meio, empírico e social, sobre o indivíduo. O produto dessa interação é um conhecimento particular que corresponde ao que Moscovici chamou de *representação social*. (MAIA, 2000, p. 7)

Assim, as representações sociais, são conhecimentos que se acumulam a partir da experiência, das informações, saberes e visão de mundo que os sujeitos recebem e transmitem pela tradição, pela educação e pela comunicação social. São maneiras de como os sujeitos sociais apreendem os fatos da vida cotidiana, as informações que são passadas principalmente através da mídia sobre o seu contexto, sobre os acontecimentos e sobre as pessoas, levando-se em consideração que os sujeitos estão em constante dialética com seu ambiente social, como exemplo o ambiente escolar, eles influenciam o meio e são influenciados por ele.

Compreender as representações sociais da escola por professores de um contexto específico, como a escola com adolescentes em processos de ressocialização, implica conhecer qual a função da escola para eles, por meio da formação profissional, da família, da justiça, dos colegas, da mídia e dos diversos grupos sociais em que convivem e, identificar o campo em que essas representações se inserem e as atitudes e valores que orientam suas ações em relação ao objeto desta pesquisa.

O campo psicossocial que organiza as construções mentais só pode ser conhecido e compreendido sob a luz do contexto que o produz e das funções que ocupa nas interações sociais (JODELET, 2001, p. 26). Neste sentido, a escola se tornará objeto de representação social por meio dos conhecimentos construídos e compartilhados socialmente, tanto pelos alunos quanto pelos professores, isto quer dizer que as imagens e significações acerca da escola, vão influenciar o agir, sentir e pensar deste grupo.

De acordo com Gilly (2001), os fatores propriamente sociais agem e influenciam nos resultados do processo educativo, o que reafirma o caráter funcional das representações sociais de conduzir as ações de um grupo. Através do estudo das representações sociais de elementos da área educacional é possível ver as funções, implicações e contradições existentes entre a prática social e os sistemas de representação. As representações sociais de escola refletem o contexto político-econômico e o processo de focalização pelos grupos sociais, seja por inspetores, professores primários ou pais. A representação mobiliza tanto posições ideológicas quanto apoio e garantias científicas para legitimar a realidade. Segundo Gilly,

é instrutivo observar como, segundo suas posições em relação á escola, os diferentes grupos acima enumerados elaboram sistemas de representações e ver como as contradições a ela referentes foram tratadas e como as representações sociais estabeleceram acordos de adaptação sob dupla pressão – de um lado, das ideologias e, de outro, das coações ligadas a finalidades e às condições efetivas de funcionamento do sistema escolar. (GILLY, 2001, p. 323).

A estrutura de uma representação social é constituída pelo núcleo central e seus sistemas periféricos, estes são vistos como subconjuntos desta representação social. O núcleo central são os elementos mais estáveis, apontados como mais importantes pelos sujeitos e que dificilmente mudam, pois estão arraigados no ser e em sua cultura, e é responsável por produzir todo o sentido àquelas representações. O sistema periférico possui elementos passíveis de mudanças, são menos estáveis e compõe a parte funcional e dinâmica da representação. Machado e Lima (2010) – fundamentadas em Abric (1976) e Sá (2002) – em suas pesquisas sobre o núcleo central da representação social de “bom aluno” por professoras, discorrem que,

Uma representação social, como definida pela Teoria do Núcleo Central é um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes, composta de dois subsistemas: central e periférico. O central constitui as crenças, valores e atitudes historicamente associados ao objeto. O periférico está mais associado às características individuais e ao contexto imediato e contingente. (MACHADO; LIMA, 2010, p. 3).

Uma pesquisa realizada por Donaduzzi (2003) apontou que entre as representações que circulam na sociedade e, sobretudo nos grupos que trabalham com a educação formal destaca-se a representação do “bom aluno” por parte dos professores, ou seja, do aluno ideal. Segundo a autora, os atributos constituintes do “bom aluno”, foram em

ordem de proximidade, apoio familiar, bom comportamento, respeito, bom desempenho e capacidade para resolução de problemas. Também foi verificado que existe uma forte correlação entre os escores atribuídos pelos professores a seus alunos nos elementos que compõe a representação do aluno ideal e as expectativas dos mesmos professores com relação ao futuro destes alunos, dentro e fora da escola.

Uma pesquisa realizada por Cruz (2006) sobre as Representações Sociais de professores e alunos sobre o fracasso em matemática nos mostra expressões e significados da exclusão escolar por professores e alunos da educação básica e do ensino superior em instituições públicas e particulares, no Estado de Pernambuco. Dentre os tantos importantes resultados desta pesquisa, podemos citar como os professores representam os alunos de escola pública e particulares e a relação que fazem entre o futuro deles dentro e fora da escola e suas condições socioeconômicas. Segundo Cruz,

Ao apresentar o cenário das desigualdades sociais o professorado vai anunciando todas as faces da exclusão que se inicia com a falta de perspectivas de futuro e do distanciamento de qualquer possibilidade de mobilidade social a começar pela falta de oportunidade de participar de um concurso público de acesso ao ensino superior, pela impossibilidade da condição econômica. (CRUZ, 2006, p. 277)

Com esta associação, o professor projeta automaticamente a imagem de sucesso aos alunos que tem condições socioeconômicas favoráveis; conforme análises anteriores de Cruz, sob o prisma destes professores, “o trabalho é apontado como situação antagônica ao bom desempenho, pela situação de pobreza do aluno-trabalhador” (CRUZ, 2006, p. 177), logo, o bom aluno que é aquele que tem bom desempenho na escola, é o aluno da escola particular que não precisa trabalhar.

Já Domingues (2008), na análise dos resultados de sua pesquisa sobre a representação social de aluno criativo por professores, indicou que o campo das representações sociais do aluno criativo, aparece como estrutura fluída e pouco estável, e a representação deste surge combinada a representações sociais do aluno ideal e do bom aluno, porém apontou que há relação entre o ato criativo e a transgressão, o que propõe uma ambigüidade com a pesquisa anterior no momento em que o ato de transgredir está dissociado do bom comportamento.

Sobre a representação de uma parte do alunado da escola pelos professores, apresentamos os resultados de Ribeiro (2008), que ao pesquisar as representações sociais de alunos usuários de drogas por professores do ensino médio da rede estadual de educação

de São Paulo, verificou que a objetivação do aluno usuário de drogas é simbolizada como doença e que o grupo de professores pesquisado segue as representações sociais há muito tempo estruturadas na sociedade, tendo a normalidade como sinônimo de saúde e a drogadição como condição desviante, decorrente de patologias.

As escolas com contextos sociais negativos evidenciados por seus atores, e com o corpo discente formado, em parte, por adolescentes em processo de ressocialização, devem assumir o relevante papel de ressocializar e reinserir estes adolescentes que agora precisam reaprender conceitos e redesenhar suas perspectivas. Todavia, estes alunos têm, como mostram pesquisas citadas, aspectos que não se relacionam, de acordo com os professores, ao aluno “adequado” ao ambiente escolar.

Perante dados que demonstram forte relação entre a representação de aluno para professores e seu determinismo quanto o futuro deles, seja na escola ou fora dela, cabe tentar compreender o processo de formação e os elementos constituintes da representação social da função da escola por professores e como isso pode estar ligado ao rendimento dos mesmos, em particular na disciplina de matemática.

4. METODOLOGIA

4.1 Tipo de Pesquisa

A proposta contempla uma pesquisa qualitativa que no campo fenomenológico se dedica a compreensão dos significados e sentidos envolvidos no processo de formação das representações.

4.2 Instrumentos de Coleta de Dados

A abordagem metodológica desta pesquisa se dará, inicialmente, de forma quantitativa, onde escolheremos quatro escolas da rede pública de Maceió que de acordo com a Secretaria de Educação se encontrem em situações mais favorecidas e menos favorecidas no contexto social e nestas escolas faremos junto com a Secretaria Escolar um comparativo entre as disciplinas do 6º ao 9º ano que mais aprovam, menos aprovam e a disciplina de matemática.

Através de entrevistas estruturadas traçaremos o perfil do alunado pelos professores destas disciplinas por escola.

Por meio do método de associação livre buscaremos os elementos constituintes da representação social da função social da escola por professores. O método de investigação associativo: a associação livre é utilizado com o objetivo de fazer com que os sujeitos da pesquisa se sintam à vontade para escrever as palavras que estão associadas ao seu objeto de pesquisa. Segundo Abric (1994, p. 72 *apud* SILVA, 2004, p. 32) “a associação livre permite a atualização de elementos implícitos ou latentes afogados ou mascarados nas produções discursivas.”.

A moda das palavras escolhidas pelos entrevistados, bem como as consideradas mais importantes, serão usadas para identificar os elementos constituintes do núcleo central e periférico da Teoria das Representações Sociais. Para analisar esses dados construiremos planos fatoriais através do software estatístico trideux.

A associação livre permite reduzir as dificuldades de expressão por parte dos entrevistados, já que é pedido só palavras que eles representam aquele objeto, como aponta Abric (1994, p. 66 *apud* MAIA, 2009, p. 26), “o caráter espontâneo – ou seja, menos controlado – e a dimensão projetiva desta produção devem nos permitir acessar, bem mais facilmente e rapidamente que numa entrevista, aos elementos que constituem o universo semântico do termo ou do objeto estudado.”.

4.3 Sujeitos Envolvidos

Deverão se constituir sujeitos de pesquisa todos os professores das disciplinas que mais aprovam e das que menos aprovam e de matemática em quatro escolas da rede pública de Maceió que estejam inseridas em localidades que de acordo com a Secretaria de Educação representem/não representem riscos psicossociais à comunidade escolar.

4.4 Análise dos dados

Para o tratamento das análises estatísticas das evocações será utilizado o software tri-deux. Com isso será possível perceber os elementos constituintes do núcleo central e periférico que compõe as representações sociais, além de contribuir para a visualização, interpretação, organização e representação das informações no que concerne às frequências e as categorias.

Utilizaremos a técnica de análise do conteúdo de Bardin (1977) para a criação de categorias e subcategorias e que contribuirá para distinguir as prováveis representações

sociais e as diferenciações por grupos de professores, em suas especificidades de atuação profissional.

5. REFERÊNCIAS

SANTOS, M. F. S. A Teoria das Representações Sociais. In: SANTOS, M. F. S.; ALMEIDA, L. M., *et al.* **Diálogos com a Teoria das Representações Sociais**. Recife, Edufpe/Edufal, 2005.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. São Paulo: Cortez, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Fundamental**; Resolução n. 2, de 7/4/1998. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CRUZ, F. M. L. **Expressões e significados da exclusão escolar**: representações sociais de professores e alunos sobre o fracasso em matemática. 2006. 363 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

DOMINGUES, K. G. **Prometeu em sala de aula**: o professor e sua representação social do aluno criativo. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

DONADUZZI, A. **“Explico uma vez, eles fazem”**: a representação social do bom aluno entre professoras do início do ensino fundamental. 2003. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2003.

GILLY, M. As Representações Sociais no campo da Educação. In: JODELET, D. *et al.* **As Representações Sociais**. Trad. Lilian Ulup. Rio de Janeiro, Eduerj, 2001.

JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. *et al.* **As Representações Sociais**. Trad. Lilian Ulup. Rio de Janeiro, Eduerj, 2001.

MAIA, L. S. L. **Matemática concreta x matemática abstrata**: mito ou realidade? In: Anped 23, 2000, Caxambu. *Anais...* Caxambu, 2000. 1 CD-Rom (Histórico).

MAIA, L. S. L. Vale a pena ensinar matemática. In: BORBA, R.; GUIMARÃES, G. *et al.* **A pesquisa em educação matemática**: repercussões em sala de aula. Recife, Cortez, 2009.

MACHADO, L. B.; LIMA, A. M. **Ser interessado**: Núcleo Central das representações sociais do “bom aluno” por professoras. [Editorial]. *InterMeio*: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS. Brasil. Vol.16, Num.32, p.202-213, jul./dez. 2010.

RIBEIRO, F. R. M. **Drogas e alunos usuários de drogas na escola:** estudo das representações sociais de professores do ensino médio da rede pública de São Paulo. 2008. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

SILVA, M. I. R. **Representações sociais do professor de matemática sobre o aluno da escola pública.** 2004. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.